

A retextualização como estratégia metodológica para a compreensão e a escrita significativa de textos: uma abordagem interdisciplinar do estudo do gráfico

CARMEN STARLING BERGAMINI GRIJÓ
Doutora em Estudos Linguísticos – UFMG.
E-mail: carminhastarlinggrijo@gmail.com

MARIA RISOLINA DE FÁTIMA RIBEIRO CORREIA
Doutora em Estudos Linguísticos – UFMG.
E-mail: mrisoribeiro@gmail.com



Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar pontos relevantes de um estudo sobre os aspectos necessários para uma interpretação do gênero *gráfico* no âmbito escolar e até mesmo fora dele e demonstrar como o processo de retextualização, considerando esse gênero como texto-fonte, contribui significativamente para o entendimento do gênero textual. Essa decisão justifica-se pelo fato de, hoje, ser constatada a escassez de atividades que levam o estudante a fazer o uso crítico da língua, tornando-o mais participativo e atuante na sociedade, mediante a ampliação das capacidades de compreensão e comunicação e, ao mesmo tempo, desenvolver a competência discursiva. Este trabalho norteia-se pelos enfoques teóricos da Linguística Textual, especificamente no que se refere ao processo de textualidade e de retextualização, de acordo com Dell'Isola (2007), buscando uma interface com a Teoria da Estrutura Retórica (RST), tal como desenvolvida por Mann & Thompson (1988).

Palavras-chave: Gênero *Gráfico*. Retextualização. Teoria da Estrutura Retórica.

Abstract: This article aims to present relevant points of a study on the aspects necessary for an interpretation of the *graphic* genre at school and even outside it and to demonstrate how the retextualization process, considering this genre as a source text, contributes significantly to the understanding of the textual genre. This decision is justified by the fact that, today, there is a scarcity of activities that lead the student to make critical use of language, making it more participative and active in society, by expanding the comprehension and communication skills and, at the same time develop discursive competence. This work is guided by the theoretical approaches of Textual Linguistics, specifically with regard to the process of textuality and retextualization, according to Dell'Isola (2007), seeking an interface with the Rhetorical Structure Theory (RST), as developed by Mann & Thompson (1988).

Keywords: *Graphic* genre. Retextualization. Rhetoric Structure Theory.

Considerações iniciais

Este trabalho busca apresentar resultados da análise de um gráfico, bem como da retextualização dele com fins de verificar as relações retóricas que são identificadas no primeiro gênero e a reincidência ou não dessas relações no texto resultante da retextualização, considerando como texto-fonte, o gráfico. A multimodalidade e a importância da relação escrita/imagem são abordadas neste estudo e consideradas de extrema importância para o entendimento do gênero proposto. O fato de perceber a relevância desses aspectos aguçou em nós a vontade de levar ao conhecimento do aluno tal teoria. Mesmo sendo de maneira elementar, tínhamos um propósito preestabelecido: instigar o aluno a ler de forma mais detalhada, mais abrangente, o gênero gráfico. A Gramática do Design Visual (GVD), de Kress e van Leeuwen (2006), no que se refere ao DADO e ao NOVO, também é evidenciada na análise do gráfico.

As questões instigadoras estão diretamente relacionadas às práticas pedagógicas e são identificadas como: a) é suficiente dizer aos alunos que o sucesso da escrita depende exclusivamente da sua prática leitora?; b) como orientar os alunos na busca de soluções para os problemas apresentados na escrita e na interpretação dos textos?; c) até que ponto o gênero gráfico descreve as reais situações para atingir seu propósito comunicativo?; d) quais aspectos objetivam melhor entendimento do gênero gráfico?; e) o processo de retextualização possibilita um melhor entendimento da produção do gênero gráfico?

Nessa perspectiva, faz-se necessária uma escola que ofereça condições ao aluno de expressar com desenvoltura, clareza, coerência, criatividade, adequação e, sobretudo, criticidade nas diversas situações sociais em que se faz uso da língua. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), bem como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirmam ser fundamental o trabalho com os gêneros textuais, considerados como objeto de ensino da língua. Assim, pretende-se refletir sobre a língua, linguagem e gêneros textuais, vinculados ao processo da retextualização.

Busca-se associar teoria e prática, valorizando o trabalho com os gêneros textuais no contexto escolar e, dessa forma, romper com o hiato existente entre a pesquisa científica e a sala de aula. Por essa razão, propõe-se o estudo da retextualização como escolha metodológica bastante adequada para o ensino de gênero textual gráfico na escola. Este trabalho visa, ainda, à interação com as disciplinas Geografia e Matemática, no sentido de oferecer subsídios para a compreensão de gráfico, gênero de suma importância na visualização e análise de informações, reconhecendo as suas especificidades e intencionalidades. Vale salientar a relevância de se fazer do cotidiano dos professores dessas disciplinas a importância de ensinar os alunos, através de práticas eficazes, como fazer uma melhor leitura dos gráficos. Nessa perspectiva, são considerados, primeiramente, os aspectos globais e, a partir deles, são analisadas as particularidades. Essa proposta alinha-se com a de Antunes (2010), que é categórica ao dizer que, na análise de textos, o primeiro interesse deve estar direcionado para a apresentação de seus aspectos globais, isto é, o texto deve ser visto

como um todo, daquilo que o perpassa por inteiro e que confere sentido às suas partes e a seus segmentos constitutivos.

O desenvolvimento do trabalho se deu da seguinte forma: primeiro, foi apresentado o gráfico aos alunos para leitura e compreensão dele, explorando todos os elementos que o compõem; depois, foi solicitado aos estudantes que fizessem uma retextualização do gráfico, criando um texto informativo.

Para a escrita deste artigo foi selecionada, de forma aleatória, uma das produções dos alunos, a fim de atender aos objetivos definidos no início deste texto. Dentre os resultados do trabalho, são mostradas atividades realizadas em sala de aula de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, comprovando que a maioria dos alunos apresentou mais segurança e desenvoltura na interpretação ou na produção de textos mais coerentes mediante o processo de retextualização.

1 Texto, textualização e gênero textual: um enfoque teórico

O pressuposto de que o homem é um ser social, o que implica a necessidade de comunicar e de interagir, leva à abordagem dialógica da linguagem. Esse fato relaciona-se com as ideias de Bakhtin (1997), uma vez que ele reconhece o *dialogismo* como característica fundamental da linguagem. Nesse caminho, e valendo-se das palavras de Antunes (2010), considera-se que as pessoas sempre se esforçam para serem, em cada contexto, relevantes e significativas, dizendo o que supõem ser importante e necessário, ou seja, essa comunicação se dá sempre mediante uma intenção comunicativa, que é materializada em um texto. Essa afirmação possibilita validar a proposta de Beaugrande (1997, p.10), ao postular que “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Essa proposta contrapõe à ideia de texto como um *puro produto* e um *simples artefato pronto*, mas que pressupõe uma cooperação entre autor-leitor para que o texto tenha sentido, e isso é construído na interação desses sujeitos.

Para a validação desse conceito, considera-se que os textos se organizam a partir de uma lógica situacional, ou seja, diferem-se enormemente. Essa ressalva vem de Antunes (2009, p. 54), ao abordar sobre a “multiplicidade de propósitos” a que um texto está envolvido. A fim de esclarecer, é mostrado, como exemplo, o gênero textual *gráfico*, objeto de análise deste artigo, que é entendido como a representação de dados, quase sempre numéricos, embora eles também possam ser figuras ou sinais, através de linhas, superfícies ou símbolos, para determinar a relação entre eles.

Diante do exposto, é possível afirmar que um texto é determinado pelo fim comunicativo do produtor. Reconhecer que o fim comunicativo define quais práticas de linguagem se deve formar implica reconhecer que, sendo as finalidades diversas, que se realizam em lugares diversos, elas devem ser contempladas nas situações de ensino-aprendizagem a que os usuários são submetidos.

Ao produzir um texto, é necessário ampliar as possibilidades de circulação dele para que o aluno perceba o desenvolvimento da competência discursiva, tornando-o capaz de utilizar a língua nas diferentes situações comunicativas que a requerem.

Por isso, um ensino de língua portuguesa que vise ao aperfeiçoamento da prática social da interação linguística, através do desenvolvimento das habilidades do aluno (falar, ouvir, escrever e ler) em diferentes situações discursivas, deve ter como unidade básica o texto. Dessa forma, as atividades de produção textual devem contemplar momentos de reflexão nos quais os usos dos recursos linguísticos, utilizados pelos produtores, estejam relacionados aos efeitos de sentido, provocados por esse uso, assim como as regularidades gramaticais presentes no texto. Uma condição primordial para possibilitar ao aluno a reflexão acerca da produção textual é levá-lo a analisar os aspectos da linguagem em sua materialização linguística, ou seja, nos textos.

Discutir o conceito de texto remete ao conceito de textualidade. Para tanto, retomam-se as palavras de Antunes (2010, p. 29), que entende a textualidade como “a característica estrutural das atividades sociocomunicativas executadas entre os parceiros da comunicação”. Para a autora, qualquer que seja a situação de interação verbal, o “modo de manifestação da atividade comunicativa é a *textualidade* ou, concretamente, um gênero de texto qualquer” (ANTUNES, 2010, p. 29). Dessa forma, e ainda de acordo com a pesquisadora, adotar a textualidade como objeto de ensino é entendê-la “como o princípio que manifesta e que regula as atividades de linguagem.” (ANTUNES, 2010, p. 30).

A forma de materializar linguisticamente esse e outros textos é denominada de gênero textual. Nessa perspectiva, Marcuschi (2009, p. 155) assevera que gêneros são “textos materializados em situações de comunicação”.

A partir dos estudos de Bakhtin (1997), considera-se que existe uma variedade de gêneros textuais que, em alguns casos, a sua identificação torna-se difícil. Por outro lado, embora seja constatada uma multiplicidade dos gêneros, é possível prever, com certa flexibilidade, elementos que não devem faltar em um gênero ou elementos que podem não estar presentes. Isso pode ser constatado no gênero, objeto deste estudo, pois, ao mesmo tempo em que o gráfico se presta a mostrar dados numéricos, esse pode ser também constituído de figuras, símbolos e, ainda, uma parte verbal. Vale ressaltar, entretanto, que a função comunicativa do gráfico é que determina esse gênero. Essa dificuldade de classificação acha-se respaldada pelas ideias de Bakhtin (1997, p. 279) ao afirmar que os gêneros são tipos “relativamente estáveis de enunciados”.

Segundo Bronckart (1994, p.12), “os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões”. Dessa forma, entende-se que a escolha deve ser feita a partir de vários gêneros existentes, ou seja, deve-se escolher aquele que parece adequado ao contexto, à intenção comunicativa, à decisão e à aplicação que poderá acrescentar algo à forma que se quer destacar ou recriar, como afirma Dell’ Isola (2007, p.18).

2 A retextualização como processo facilitador de sistematização do gênero textual

Outro aspecto considerado como relevante neste trabalho é o processo de retextualização, ressaltando a importância dessa atividade para construir, além de momentos de sistematização e de reflexão sobre domínio dos gêneros, momentos de

avaliação das condições de usos, adequações e de manejo da língua, quer seja falada, quer seja escrita, pelo aluno. Conforme Marcuschi (2008), essas atividades podem ser representadas por reordenação ou reelaboração de linguagem dos textos lidos, com propósitos específicos, como parodiar, parafrasear, transpor a língua falada para a língua escrita ou vice-versa, alterar propósitos de comunicação, empregando a alteração do gênero textual.

Podem-se perceber ou imaginar vários eventos linguísticos, até mesmo corriqueiros em que atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos estão presentes, como: um delegado ditando para o escrevente um depoimento; uma pessoa contando um filme, um capítulo de novela; uma ata de uma reunião (a secretária passando para a escrita o que foi relatado anteriormente); um aluno escrevendo as explicações orais do professor, assim por diante. Na realidade, nossa produção linguística diária, de acordo com Marcuschi (2008, p. 46-9), se analisada com cuidado, pode ser tida como um encadeamento de reformulações, tal o imbricamento dos jogos linguísticos praticados nessa interdiscursividade e intertextualidade.

Matencio (2003, p. 1) explicita que a retextualização é a “produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base”, dando ênfase à condição derivada do segundo texto, produto executado a partir de outros que são utilizados como fontes ou como macros. Partindo de uma operação mais autoral a uma derivada, Matencio (2003) explica:

Textualizar é agenciar recursos languageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base, para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto, um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade. (MATÊNCIO, 2003, p. 3-4).

O conceito de retextualização pode ser, então, associado a uma mudança entre modalidades de veiculação e entre gêneros textuais, aqui entendidos como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos” (DELL’ISOLA, 2007, p. 17).

A esse respeito, Marcuschi (2008) aponta quatro variáveis fundamentais nos estudos dos processos de retextualização:

- o propósito ou objetivo da retextualização;
- a relação entre o produtor do texto original e o transformador;
- a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Esses processos indicam que a retextualização é um tipo de alteração marcada pela intervenção estrutural sobre um texto *original* que assume características diferentes de acordo com os propósitos da produção textual. Esses processos dependem, ainda, dos sujeitos neles envolvidos.

No processo de retextualização e sua funcionalidade, Marcuschi (2008) agrupa os aspectos envolvidos na atividade em dois grandes blocos: a) operações que seguem as regras de regularização e idealização; b) operações que seguem as regras de transformação.

Nessa atividade, a intervenção do retextualizador não é feita de maneira inocente, mas de forma intencional, visando à adaptação do texto, à interpretação das ideias contidas nele. É importante frisar que, neste trabalho, são privilegiadas as operações que se referem aos aspectos que correspondem à retextualização de uma imagem (ora não verbal, ora mista) para outro texto escrito.

Direcionamos este trabalho para a retextualização de um gênero multifuncional-modal (gráfico) em outro gênero escrito (texto de divulgação científica), acrescentando novas possibilidades de reformulações dos textos, tendo como base a concepção marcuschiana, apresentada pelo autor em 1998, e por Dell'Isola (2007).

3 Teoria da Estrutura Retórica - Rhetoric Structural Theory (RST)

A Teoria da Estrutura Retórica (RST) originou-se do trabalho de investigação em geração automática de texto, realizado, por volta de 1983, por uma equipe de investigadores do *Information Sciences Institute – University of South California*¹, como Willian Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen, dentre outros.

Segundo Mann & Thompson (1983) e Mann & Thompson (1988), a RST é uma teoria descritiva que não entende o texto como uma mera sequência de frases e tem o objetivo de estudar a sua organização para identificar e caracterizar as relações que se estabelecem entre as partes do texto, bem como explicar a coerência textual. Nessa perspectiva, “a coerência é vista, em sentido bem geral, como a ausência, num texto, de quaisquer sequências ilógicas ou quaisquer lacunas.” (DECAT, 2010, p.233).

Em uma análise à luz da RST podem ser consideradas a macro ou a microestrutura textual. Vale ressaltar que o conceito de macro e de microestrutura foi por nós adotado segundo Van Dijk (1992) para quem macroestrutura é entendida como uma estrutura cognitiva de significado mais geral que dá unidade e coerência ao texto, e microestrutura se refere às frases apresentadas em um texto oral ou escrito, que se transformam em macroestruturas a partir de *regras de mapeamento*, como cancelamento de detalhes não importantes, generalização de situações, construção de novas sequências frasais.

De acordo com Mann e Thompson (1988), a identificação das relações retóricas pelo analista deve se basear em julgamentos funcionais e semânticos, com o objetivo de identificar a função de cada porção textual, além de verificar como o texto produz efeito em seu possível leitor. Para tanto, a RST considera o julgamento da plausibilidade para identificar as proposições relacionais, pois o analista tem acesso ao

¹ Instituto de Ciências da Universidade do Sul da Califórnia.

texto, tem o conhecimento do contexto no qual o texto foi produzido, além das convenções culturais do produtor do texto, contudo não tem acesso direto a esse produtor, nem mesmo aos possíveis receptores, o que não lhe possibilita afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, porém pode sugerir uma plausível. Nos dizeres de Correia & Jamal (2014), para o analista apontar uma relação retórica, é necessário inferir, tirar conclusões, até chegar a uma definição que possa ser considerada plausível, aceita.

Depois de analisar um número significativo de textos capaz de validar a proposta da Teoria da Estrutura Retórica, Mann & Thompson (1988) apresentam uma lista de aproximadamente 25 relações retóricas. Contudo, essa lista não é um rol fechado e definitivo, mas um número suficiente para descrever as relações identificadas na maioria dos textos analisados.

Segundo esses autores, as funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos: as que se referem à *apresentação* da relação, com o objetivo de aumentar a inclinação do enunciatário a agir, concordar, acreditar ou aceitar o conteúdo do núcleo; e as que se referem ao *conteúdo*, que têm a função de levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão. A seguir, são apresentados os dois grupos de relações, considerando a função global de cada um:

a) *apresentação*: motivação, antítese, *background*, evidência, justificativa, concessão, preparação, elaboração, reformulação, resumo.

b) *conteúdo*: alternativa, circunstância, elaboração, interpretação, avaliação, resumo, causa involuntária, causa voluntária, condição, condição inversa, elaboração, método, propósito, resultado involuntário, resultado voluntário, solução.

Com base na organização, as relações dividem-se em dois grupos: relações multinucleares, em que uma porção não é ancilar à outra e as relações núcleo-satélite, em que uma porção é ancilar à outra, ou seja, subsidia a outra porção. As relações de núcleo-satélite se identificam, conforme esses autores, com o que está em (a) e (b) a seguir. Já as relações multinucleares são do tipo: conjunção, contraste, disjunção, lista, reformulação multinuclear e sequência.

Ao analisar um texto à luz da Teoria da Estrutura Retórica, as relações são demonstradas, segundo Mann e Thompson (1988), mediante diagramas, que retratam os esquemas das porções textuais. Esses esquemas se caracterizam como padrões predefinidos com o objetivo de especificar como as porções do texto se relacionam, a fim de formar porções maiores ou todo o texto. Eles são descritos a seguir:

- a) *Relações multinucleares*: uma porção² de texto não é ancilar a outra; nesse tipo de relação, cada porção representa um núcleo distinto, como é demonstrado no Esquema 1:

² Porção de texto: no original, *text span*, refere-se a um intervalo linear do texto, sem interrupção. (MANN; THOMPSON, 1983).

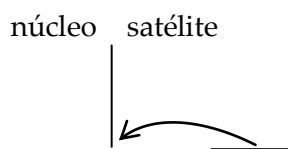
Esquema 1: Relação multinuclear



Fonte: Mann & Thompson, 1988, p. 247.

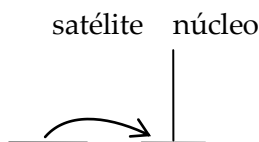
- b) *Relações núcleo-satélite:* Uma porção do texto (satélite) é ancilar à outra (núcleo). Essa relação é demonstrada no Esquema 2, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que tem a função de núcleo. O núcleo é demonstrado pela linha vertical. Aqui, o satélite pode aparecer antes ou depois do núcleo.

Esquema 2: Relação núcleo-satélite, com o satélite depois do núcleo



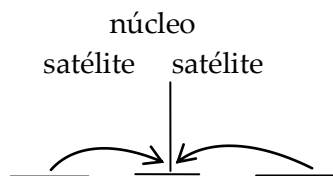
Fonte: Mann & Thompson, 1988, p. 247.

Esquema 3: Relação de núcleo-satélite, com o satélite antes do núcleo



Fonte: Mann & Thompson, 1988, p. 247.

Esquema 4: Relação núcleo-satélite, com satélite antes e depois do núcleo



Fonte: Mann & Thompson, 1988, p. 247.

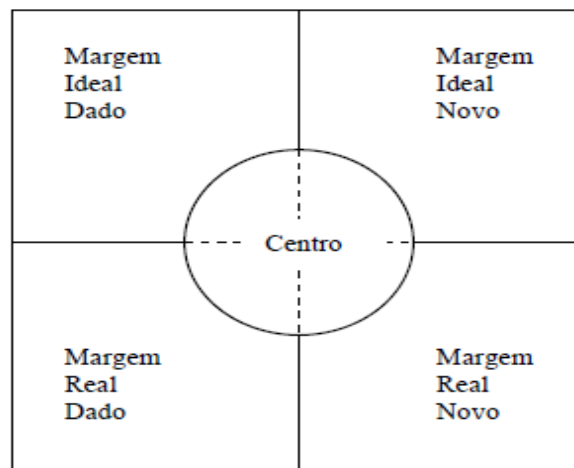
Para concluir, vale destacar os dizeres de Mann e Thompson (1983) ao aventarem que: a) a estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pela rede de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores; b) a estrutura retórica é funcional, uma vez que considera as funções que as porções do texto assumem, para atingir o objetivo global para o qual foi produzido.

4 O gênero gráfico e recursos multimodais: conceitos básicos implicados na noção de multimodalidade

Conforme Bezerra & Guimarães (2013, p. 209), “se as sociedades e culturas e suas atividades são medidas pela linguagem, os modos de utilização dessa linguagem são tão variados quanto variadas forem as atividades humanas”. Nos textos da mídia impressa, como em vários outros, surgem variados gêneros apresentando modos semióticos cada vez mais diferenciados. Dessa forma, é essencial relacionar às atividades de entendimento desses gêneros os recursos semióticos e multimodais.

O enfoque da multimodalidade deste trabalho está atrelado à proposta de Kress e van Leeuwen (2001), na Gramática do Design Visual (GVD), mais especificamente à metafunção ideacional, que trata da relação entre o observador, nesse caso o leitor, da imagem e a imagem em si. A figura em formato de cruz, baseada em Kress e van Leeuwen (2001, p. 208), foi utilizada para proporcionar melhor visibilidade dos elementos constitutivos do gráfico analisado.

Figura 1 – As dimensões do espaço visual em formato de cruz



Fonte: Kress & van Leeuwen, 2001, p. 208.

Com os textos apresentando-se cada vez mais multimodais, Kress e van Leeuwen (2001, p. 11) apontam para a necessidade de entender como as imagens se relacionam ao texto. O conceito de imagem é abordado pelos autores como “um sistema complexo cuja atenção é voltada para o contexto específico em que é produzido”.

As imagens manifestadas no gênero *gráfico* foram analisadas observando-se as possíveis integrações constituintes entre os elementos que o compõe, que perpassam o visual, a estrutura e o formato e que se interrelacionam na construção de diferentes funções sociais exercidas pelo gênero gráfico, atribuindo, assim, suas finalidades e propósitos comunicativos.

Para sustentar a análise realizada com o gráfico, adotamos o pressuposto de que a linguagem é um tipo de comportamento social, ou seja, ela tem uma função que é

construída a partir das interações humanas e está organizada em “sistemas” contextualmente produzidos. Segundo Pimenta,

[...] a função principal da semiótica é dar conta de troca de mensagens, quaisquer que sejam essas mensagens, ou seja, a comunicação. Uma mensagem pode ser um signo, ou uma cadeia de signos transmitidos por um produtor para um receptor de signos ou destinatário cujo cérebro produz transformações mentais a partir de experiências corporais e as codifica em forma de signos. Nessa comunicação através de signos, o ser humano se distingue das outras espécies, dada sua característica única de possuir dois repertórios separados de signos à sua disposição: o verbal e o não-verbal. (PIMENTA, 2001, p. 186).

Na perspectiva de Natividade e Pimenta (2009, p. 26), a multimodalidade explora a forma como o significado pode ser expresso por diferentes modos semióticos. Por essa razão, as autoras enfatizam que “o processo de construção de significado, mais do que o significado enquanto núcleo em si mesmo, torna-se foco de nossas análises”. Concomitante à ideia apresentada pelas pesquisadoras, o nosso interesse foi investigar “o quê”, “com qual modo” e “como” o significado foi processado, pois todos esses níveis contribuem para a articulação e interpretação de todo e qualquer gênero textual.

A função textual da Gramática Sistêmico-Funcional, proposta por Hallyday (1985), equivale à metafunção composicional postulada por Kress e van Leeuwen (2006). Nessa perspectiva, os elementos visuais interligam-se na composição do todo imagético, eles se associam, se interagem para que a imagem apresente coerência entre as partes e o todo, tendo cada elemento sua especificidade. Essa coerência interna da imagem está ligada aos seguintes sistemas presentes na metafunção composicional: valor de informação, saliência e moldura. Kress e van Leeuwen (1998) destacam que as posições ocupadas pelas informações contidas no texto refletem diferentes níveis de saliência e moldura, por isso reúnem valores específicos. Ademais, esses posicionamentos constroem relações entre diferentes eventos apresentados, podendo ocorrer no campo do Ideal e outros no campo do Real, no campo do Dado e outros no campo do Novo.

Figura 2 – O que os brasileiros estão lendo



Fonte: Instituto Pró-Livro, Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2008, com adaptações.

A prática de leitura de imagens em livros didáticos, revistas e jornais ainda não adquiriu valor representativo como o dado para o texto verbal. Para essa afirmação, analisamos a ocorrência de gráficos em livros didáticos de língua portuguesa e se eles abordavam o gráfico como gênero textual. Constatamos que o gráfico, quando utilizado, servia de referência para situar uma informação ou responder questionamentos do tipo: “Todos os resultados obtidos com a pesquisa foram apresentados?”; “O gráfico produzido é de coluna ou de barras?”; “O gráfico apresenta título?”; O título resume ou dá uma ideia sobre o que se trata?”. O trabalho com a leitura de imagens, muitas vezes, fundamenta-se na observação de alguns elementos em detrimento de outros, ou seja, o texto verbal adquire um *status* de maior valor em relação à imagem, atribuindo, assim, uma interpretação aparentemente subjetiva.

Nesse sentido, sob a perspectiva de signo motivado da Semiótica Social os dois níveis – verbal e não verbal –, deveriam apresentar o mesmo status para a produção de sentido e significado na construção textual, como muito bem descreve Paiva (2009, p. 203): “o signo – visual ou verbal – pode ser analisado dividindo-se em unidades e seguem uma motivação ao serem organizados pelo autor do texto ao construir seu discurso.” De acordo com a Gramática do Design Visual, os signos visuais são organizados pela motivação do autor, como se este os estivesse organizando em uma sintaxe, como o modo verbal.

Parte-se do pressuposto de que os gráficos constituem um gênero textual que apresenta em sua formação características específicas e uma certa prototipicidade exigidas para a sua composição. A teoria da multimodalidade desenvolvida por Kress e van Leuween (2006), nos termos da Gramática do Design Visual, considera o texto partindo da premissa de que o visual e outros modos semióticos não são apresentados eventualmente, ou seja, a formação do texto segue determinados propósitos

comunicativos averiguados em sua formação. Sendo assim, podemos afirmar que o recurso da multimodalidade proporciona uma análise mais minuciosa, atentando-se aos detalhes do texto, direciona o leitor/produtor a reconhecer o potencial comunicativo estabelecido entre o visual e o verbal, entre a correlação da parte/todo.

Dessa maneira, apresentamos o gráfico para os alunos envolvidos neste trabalho, mostrando os aspectos de valor informacional atribuídos a cada elemento contido na imagem, a relação de um elemento com o outro e observando a posição que ocupavam no texto analisado. Esses valores foram elencados, a princípio, considerando-se a leitura ocidental, cuja orientação se faz da esquerda para a direita. No caso de imagens, percebemos que a leitura pode ser realizada de maneira multilinear – de baixo para cima, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo, de maneira circular – utilizando as informações verbais e não verbais. Consideramos os elementos colocados à esquerda, seguindo uma linha horizontal, representativos da informação dada, e os elementos da direita representando o novo (DADO/NOVO). Constatamos, nos gráficos analisados, a tendência da informação verbal (palavras, frases, fonte) manifestar-se mais do lado esquerdo do gráfico, sendo esta a informação dada comum para o leitor, mas direcionando-o para novas informações disponibilizadas na imagem, servindo, assim, como vetores para direcionar o leitor. Segundo Kress e van Leeuwen (1998), as estruturas representacionais são ideológicas, pois as informações são apresentadas com um “pensamento” dotado de status e valor diante do leitor. Apesar de considerarmos de extrema relevância os aspectos multimodais, nos atemos a essas noções (DADO/NOVO), pois o intuito foi apresentar alguns recursos multimodais desconhecidos pelo público-alvo desta pesquisa e tão necessários para o estabelecimento da coerência na interpretação de texto.

Na apresentação do gráfico, que divulga dados sobre “a preferência de leitura dos brasileiros”, vários elementos multimodais são materializados no texto. A análise do gráfico foi considerada sob o ponto de vista das três metafunções defendidas por Halliday (1985), sendo divididas da seguinte maneira:

1. Metafunção ideacional: a representação das barras no gráfico, os traços marcadores de níveis de localização da informação dada;
2. Metafunção interpessoal: as relações de ideias do leitor se concretizam através dos elementos numéricos expostos;
3. Metafunção textual: a coerência estabelecida entre o título, os números representativos de porcentagem, as imagens, legenda, fonte, cores, a disposição desses elementos na imagem do gráfico.

A significação adquirida na leitura do gráfico encontra-se articulada à motivação de quem o produz e ao propósito comunicativo atribuído ao texto. Percebe-se, nesse sentido, que as escolhas textuais e multimodais são organizadas intencionalmente e que não dissociam do objetivo proposto na construção de sentido. As porcentagens numéricas são representativas para associar a imagem ao contexto sociocultural, apresentando informações que enfatizam a pesquisa realizada sobre o assunto exposto – leitura – e ainda tem a função de conferir maior credibilidade ao

texto. Essa estratégia direciona o leitor a aceitar a informação dada como verdade inquestionável. É nesse momento que a intenção comunicativa se estabelece, a interação entre informação dada e conhecimento de mundo se correlacionam.

Torna-se fundamental observar que as competências leitoras são contempladas, de acordo com a BNCC (2011), no Eixo Leitura, pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definitivo de diversos gêneros textuais. Nessa direção, a BNCC (2017, p. 69-70) orienta:

Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação [...]. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão [...].

As práticas leitoras são essenciais para aquisição da competência, mas elas só são efetivadas na interação do leitor/texto, no caso do gênero *gráfico* é entre leitor/texto-verbal/imagem que se cria a intenção enunciativa. Tomemos como exemplo dessas representações as cores utilizadas no gráfico *O que os brasileiros estão lendo*, em que se atribuiu sentido levando em conta a ideia que se quer destacar, considerando para isso os aspectos mais evidentes associados às cores mais fortes (o título e a quantidade em milhões representadas no gráfico). Dessa forma, a utilização de tons diferentes desperta no leitor uma atenção maior para as informações contidas nessas partes.

Segundo Kress e van Leeuwen (2001), as cores funcionam como um dispositivo semiótico formal capaz de representar ideias, atitudes, ressaltar informações e estabelecer coerência e coesão nos textos, ou seja, carregam significados ideacionais, interpessoais e textuais. Para Kress e van Leeuwen (2002), qualquer instância específica de uma cor pode ser analisada como uma combinação de valores específicos dentro de uma cadeia de escalas que vão desde os tons claros aos tons escuros, escala de saturação, modulação, diferenciação, luminosidade etc., convergindo para um complexo de composição de significados potenciais. Podemos observar essa ocorrência no gráfico apresentado nesse estudo.

Nota-se que os elementos analisados são distribuídos de forma organizada. Logo no início, o título foi utilizado em posição central e destacado com a cor vermelha, considerada cor de destaque para chamar a atenção do leitor para o assunto abordado. Na linha horizontal, podemos destacar que a informação dada adquire um status de maior relevância para atingir a intenção comunicativa: informar ao leitor os suportes textuais mais procurados pelo leitor entrevistado.

Observa-se que os estudos dos aspectos multimodais são fundamentais para que os elementos constitutivos do gráfico sejam evidenciados e explorados para que a construção de sentidos se efetive. Esses elementos se manifestam de forma intencional, tornando, assim, essenciais para o estabelecimento da comunicação. É importante

ressaltar que o conceito de texto é ampliado a partir das análises realizadas nas mais diversas situações comunicativas e nos mais diversos gêneros emergentes no dia a dia.

As referências teóricas relacionadas à multimodalidade corroboraram a premissa de esclarecermos o gráfico como gênero típico multifuncional-modal apresentando peculiaridades próprias que a sua composição requer. Além de o gráfico ser constituído de vários recursos multimodais, o leitor/produtor desse gênero, para atingir a competência leitora-comunicativa, precisa associar um sistema de habilidades e informações, relacioná-lo ao conhecimento de mundo, processá-lo e materializá-lo. E ainda relacionar essa associação às várias funções que esse gênero se dispõe: apresentar uma informação, resumir um assunto, destacar um assunto em detrimento de outros, reforçar um assunto exposto, ilustrar o texto, dentre outros.

5 Análise do gráfico “O que os brasileiros estão lendo”

Propomos, neste trabalho, apresentar a análise do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*³, à luz da Teoria da Estrutura Retórica, conforme Mann e Thompson (1983) e Mann e Thompson (1988), e das operações de retextualização propostas por Marcuschi (2008). Primeiramente, mostramos o gráfico selecionado, segmentado em unidades de análise, a partir da Teoria da Estrutura Retórica.

Figura 3 – Gráfico *O que os brasileiros estão lendo*



Fonte: Instituto Pró-Livro, Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2008.

³ A análise do gráfico faz parte da Tese de Doutorado – *Retextualização do gênero gráfico: uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST)*, de autoria de Carmen Starling Berganini Grijó, 2018. UFMG.

Para a segmentação do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*, foram consideradas como unidades de análise todas as informações veiculadas pelo gráfico em questão, como descritas a seguir.

1. O que os brasileiros estão lendo

2. Revistas



4. 52%

5. Livros



7. 50%

8. Jornais



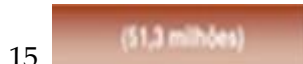
10. 48%

11. Livros indicados pela escola



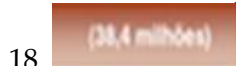
13. 34%

14. Textos escolares



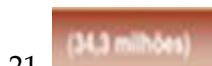
16. 30%

17. Histórias em quadrinhos



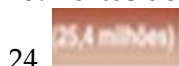
19. 22%

20. Textos na Internet



22. 20%

23. Textos de trabalho



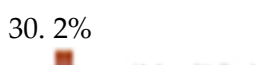
25. 15%

26. Livros digitais



28. 3%

29. Áudio-livros



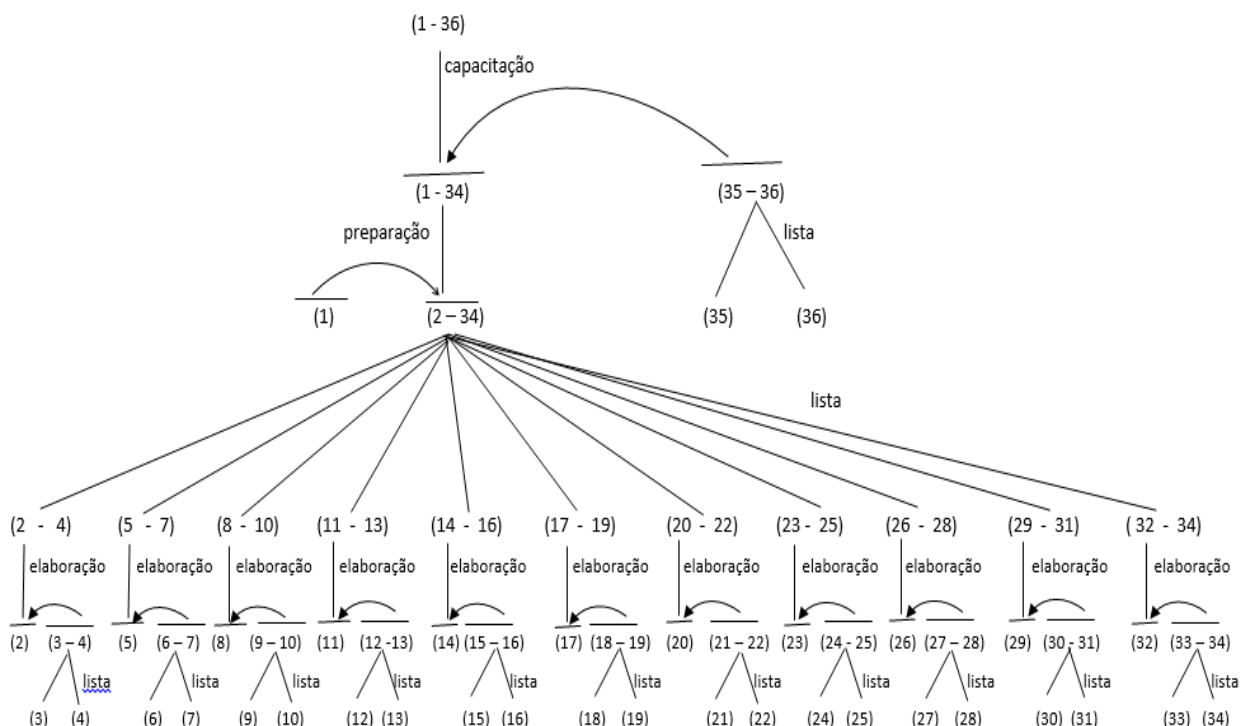
31. 2%

32. Livros em Braille

- 33. 0,2%
- 34. 409 mil
- 35. Instituto Pró-Livro
- 36. Retratos da Leitura no Brasil

Para melhor visualização e compreensão da análise aqui proposta, demonstramos o diagrama arbóreo da estrutura retórica do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*.

Figura 4 – Diagrama arbóreo da estrutura retórica do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2019.

Conforme demonstrado na Figura 4, o gráfico *O que os brasileiros estão lendo*, analisado a partir da Teoria da Estrutura Retórica, apresentou 36 unidades de informação, doravante denominadas UI, que foram segmentadas em porções menores. Foi identificada a porção (1 - 34), na função de núcleo, constituída pelo título e todo o gráfico, e a fonte, UI (35 - 36), no papel de satélite, sendo plausível afirmar que emerge entre elas a relação núcleo-satélite de *capacitação*, visto que esta possibilita ao leitor realizar a ação indicada no núcleo, identificando a fonte. A porção (35 - 36) foi segmentada em duas unidades de informação, em uma relação multinuclear de *lista*, caracterizada por Mann & Thompson (1983) como aquela que apresenta um elemento comparável a outros. Assim a UI (35) é materializada pelo “Instituto Pró-Livro” e a UI (36) por “Retratos da leitura no Brasil”.

Prosseguindo o estudo, propomos a análise da porção constituída pelas UI (1 - 34) que foi segmentada em duas outras porções menores, ou seja, na UI (1), título, no

papel de satélite, e o núcleo, formado pelas UI (2 - 34), de forma que emerge entre elas a relação de *preparação*, justificada pelo fato de o satélite deixar o leitor mais preparado ou convidado a se inteirar do conteúdo do núcleo. Por outro lado, a porção constituída pelas UI (2 - 34), foi dividida em onze unidades de informação, em uma relação multinuclear de *lista*, formada pelos núcleos (2 - 4), (5 - 7), (8 - 10), (11 - 13), (14 - 16), (17 - 19), (20 - 22), (23 - 25), (26 - 28), (29 - 31) e (32 - 34), enumerando os itens que foram considerados para se obterem os dados.

Conforme demonstrado na Figura 4, cada uma dessas unidades de informação foi, ainda, segmentada em uma relação núcleo-satélite, de forma que a primeira unidade de informação, ou seja, a da esquerda de cada porção, exerce a função de núcleo e as duas outras, juntas, a função de satélite, sendo plausível identificar entre elas a relação retórica de *elaboração*, uma vez que elas acrescentam dados ao núcleo. Esses dados são materializados em uma relação de *lista* em todas as porções que compõem o gráfico. Dessa forma, a UI (2 - 4) apresenta o item “Revista”, sendo (2) como núcleo e as UI (3 - 4) na função de satélite, trazendo dados complementares, sendo 90,5 milhões de leitores, representando 52% do total de brasileiros entrevistados.

Nessa mesma direção, são analisados os outros dados, conforme demonstrado a seguir. A UI (5 - 7), segmentada em (5) como núcleo e o satélite (6 - 7), representa o segundo item avaliado: “Livros”. Assim, o satélite acrescenta dados ao núcleo, ao informar, em (6), que 86,5 milhões de pessoas leem livros, equivalendo a 50% de leitores, situados na UI (7). A porção (8 - 10) cita a preferência para os “Jornais” e informa que 83,3 milhões de leitores apresentam essa preferência, correspondendo à porcentagem de 48%.

O quarto item pesquisado, equivalendo à porção (11 - 13), são os “Livros indicados pela escola” no papel de N, explicitado pelos satélites (9 - 10), e cita o total de 58,7 milhões de leitores, equivalendo a 34%. A porção (14 - 16) prioriza a indicação dos “Textos escolares”, ao apresentar o núcleo (14) e (15 - 16) na condição de satélite, informando, na UI (15), que 51,3 milhões de pessoas têm esta preferência, o que equivale a 30% dos leitores, indicados na UI (16). A porção (17 - 19) trata do item “História em quadrinhos”, sendo (17) o núcleo, elaborado pelos satélites (18) e (19), e indica uma porcentagem de 38,4 milhões, equivalente a 22% de pessoas. Já a porção (20 - 21) trata dos “Textos na internet”, na qual o núcleo na UI (20), acrescido dos satélites (21) e (22), informam que 34,3 milhões de leitores têm essa preferência, o que equivale a 20% do total.

A porção seguinte, (23 - 25), refere-se aos “Textos de trabalho”, formada pelo núcleo (23), e pelos satélites (24) e (25), relatam que 25,4 milhões de leitores priorizam textos de trabalho, equivalendo a 15% do total. Prosseguindo a análise, é identificada a porção (26 - 28) referente aos “Livros digitais”, formada pelo núcleo (26), detalhado pelos satélites (27) e (28), esclarecem que 3% de leitores têm o hábito de ler livros digitais, o que representa 4,6 milhões de pessoas. A porção (29 - 31) demonstra a preferência dos leitores por “Áudio-livros” e é formada pelo núcleo (29), detalhado pelos satélites (30) e (31), representando 2% dos entrevistados, equivalendo a 2,9 milhões de pessoas.

Na conclusão da análise do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*, é identificada a porção (32 - 34), cujo item pesquisado se refere aos “Livros em braile”. Nessa porção de

texto a UI (32) indica o núcleo – Livros em braile – e os satélites (33) e (34) acrescentam dados complementares a N, sendo 0,2% de leitores, equivalendo a 409 pessoas do total de leitores ouvidos na pesquisa.

Para finalizar a análise do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*, à luz da RST, apresentamos a Tabela 1:

Tabela 1 – Ocorrência das relações retóricas no gráfico *O que os brasileiros estão lendo*

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	capacitação	1
	elaboração	11
	preparação	1
multinuclear	lista	13
Total	4	26

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2019.

Quanto ao aspecto da multimodalidade, percebe-se, na análise do gráfico *O que os brasileiros estão lendo*, que as barras em horizontal, na cor vermelha, além de indicarem o número de pessoas ouvidas na pesquisa, assumem um papel de suma importância para a leitura e compreensão leitora. Como representado na Figura 4, as barras e a cor direcionam o foco da leitura para o centro do gráfico, de forma que o DADO (os itens pesquisados) se posicionam do lado esquerdo. Por outro lado, as informações advindas dos itens selecionados resultam no NOVO (as porcentagens), localizadas do lado direito do gráfico.

Conclui-se, pois, que a multimodalidade é um aspecto que muito contribui para a construção da compreensão leitora dos alunos.

6 Análise da retextualização do gráfico “O que os brasileiros estão lendo”

Texto: R F - GTDC⁴

Leitores no Brasil

O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas. No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito. Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?

Isso pode ser respondido através de dados apresentados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual constatou que tipo de leitura tem interessado mais aos brasileiros e um fator relevante de o livro ter sido uma das escolhas preferidas.

Segundo esse instituto, as revistas de modo geral, são as principais buscas para leitura, sendo lidas por 52% da população entrevistada. Os livros vêm logo em seguida, totalizando 50% dos leitores pesquisados. Os jornais aparecem em terceiro lugar, perfazendo os 48%.

⁴ R F GTDC: R (Retextualização); F (Feminino); GTDC (Gênero Texto de Divulgação Científica).

Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros. Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado.

6.1 Análise à luz da RST

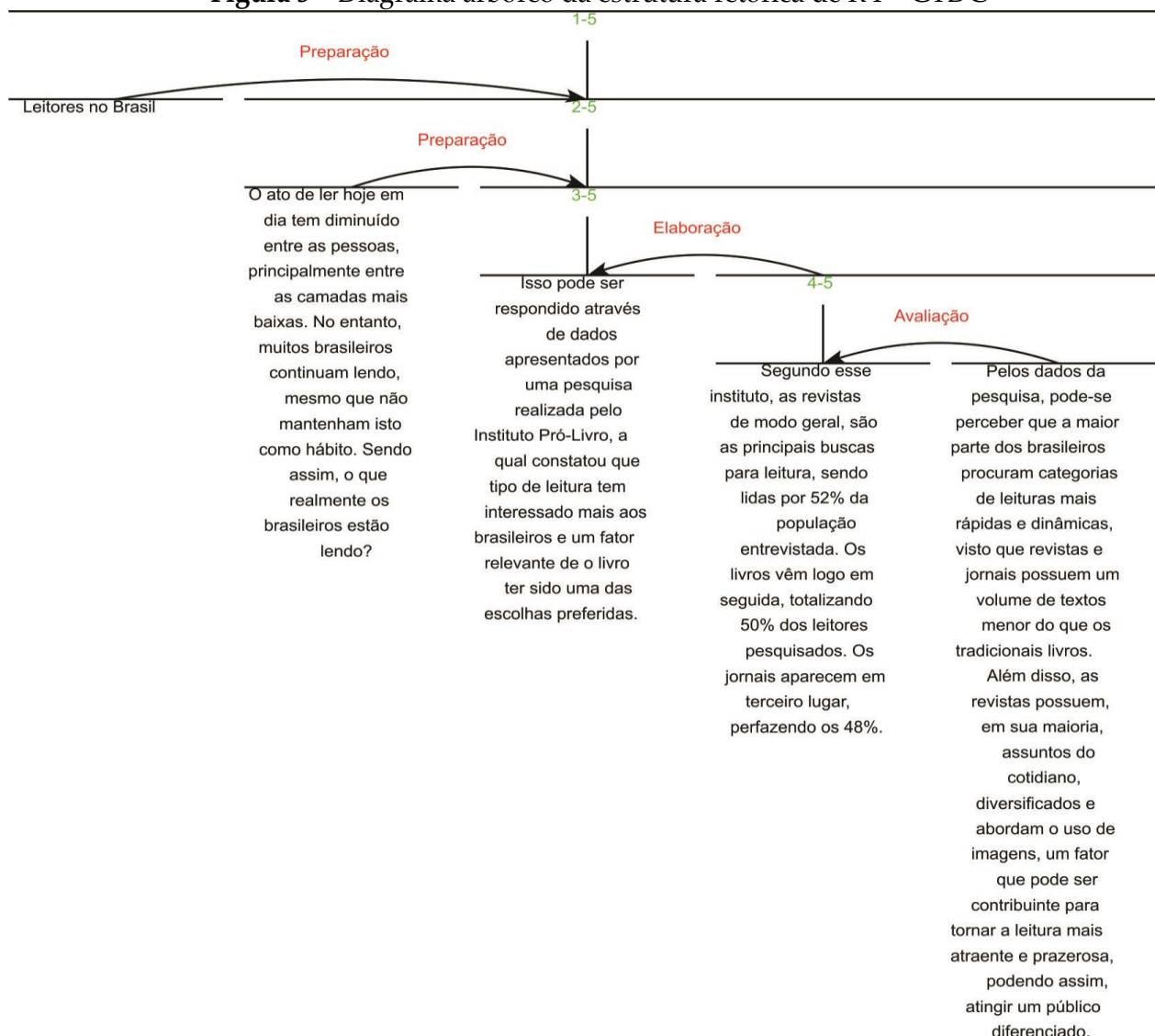
O texto R F - GTDC foi dividido em unidades de informação, demonstradas a seguir:

1. Leitores no Brasil
2. O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas. No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito. Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?
3. Isso pode ser respondido através de dados apresentados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual constatou que tipo de leitura tem interessado mais aos brasileiros e um fator relevante de o livro ter sido uma das escolhas preferidas.
4. Segundo esse instituto, as revistas de modo geral, são as principais buscas para leitura, sendo lidas por 52% da população entrevistada. Os livros vêm logo em seguida, totalizando 50% dos leitores pesquisados. Os jornais aparecem em terceiro lugar, perfazendo os 48%.
5. Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros. Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado.

Como realizado anteriormente, em um primeiro momento, a análise dos dados teve como norte a Teoria da Estrutura Retórica e o processo de retextualização centrado nas operações de retextualização, defendidas por Marcuschi (2008).

Antes de iniciar a descrição textual, à luz da RST, demonstramos, na Figura 5, o diagrama arbóreo da estrutura retórica de R F - GTDC.

Figura 5 – Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R F - GTDC



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2019.

A análise de R F - GTDC, à luz da RST, nos aponta cinco unidades de informação. A UI (1), título, é satélite da UI (2 - 5), núcleo, e emerge, entre elas, como em outras análises, a relação retórica de *preparação*, pois o leitor é convidado a ter conhecimento do assunto referente aos leitores no Brasil.

A porção (2 - 5) foi segmentado em UI (2), satélite, e UIs (3 - 5), núcleo, e é plausível anunciar a emergência da relação núcleo-satélite de *preparação*, justificada pelo fato de, na UI (1), serem apontadas duas informações: na primeira, aborda-se a diminuição do hábito de leitura entre as pessoas e, na segunda, pode-se verificar um contraste a esta questão, no momento em que se verifica a existência de muitos brasileiros praticantes da leitura, embora não seja um hábito. Essas duas informações são seguidas de uma interrogação: “Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?”, o que justifica a relação de *preparação*, pois o leitor se sente motivado a se inteirar da resposta.

A resposta à questão levantada na UI (2) é materializada na porção (3 - 5), que foi segmentada nas UI (3) e (4 - 5). Assim, a UI (3), núcleo, se encarrega de expor a resposta mediante a voz de autoridade, fundamentada numa pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro. Os dados que confirmariam a asserção relatada na UI (3) são edificados no satélite (4 - 5), o que justifica a emergência da relação de *elaboração* entre elas. Dessa forma, a UI (4 - 5) foi segmentada na UI (4) e (5), e é plausível indicar a emergência da relação de *avaliação* entre elas, já que, na UI (4), núcleo, são relatadas as preferências com as referidas porcentagens da leitura de revistas, livros e jornais. No satélite, UI (5), ao voltar para o leitor, o produtor do texto aponta argumentos que buscam retratar o seu posicionamento, ou seja, um julgamento, a partir dos dados advindos da pesquisa do Instituto Pró-Livro, para justificar a preferência por leituras mais rápidas e dinâmicas, tornando-a mais prazerosa e, ao mesmo tempo, amplia o número de leitores.

Para visualizar a ocorrência das relações retóricas em R F - GTDC, segue a Tabela 2.

Tabela 2 – Ocorrência das relações retóricas em R F – GTDC

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	avaliação	1
	elaboração	1
	preparação	2
Total	3	4

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2019.

6.2 Análise das operações de retextualização

A seguir, a análise da retextualização do aluno, considerando como texto-base a Figura 3 – Gráfico *O que os brasileiros estão lendo* e o texto de divulgação científica como texto-alvo. Os gráficos são recursos utilizados para representar um fenômeno que possa ser mensurado, quantificado ou ilustrado de forma mais ou menos lógica. Assim como os mapas indicam uma representação espacial de um determinado acontecimento ou lugar, os gráficos apontam uma dimensão estatística sobre um determinado fato.

Por esse motivo, interpretar corretamente os gráficos disponibilizados em textos, notícias, entre outras situações, é de suma importância para compreender determinados fenômenos. Eles, geralmente, comparam informações qualitativas e quantitativas, podendo envolver também o tempo e o espaço. No caso deste trabalho, o que se observa é como o aluno realizou a retextualização do gráfico para texto de divulgação científica.

Quadro 1 – Operação de *eliminação*

Texto-base: Gráfico	Texto-alvo: Texto de divulgação científica
O que os brasileiros estão lendo	Leitores no Brasil

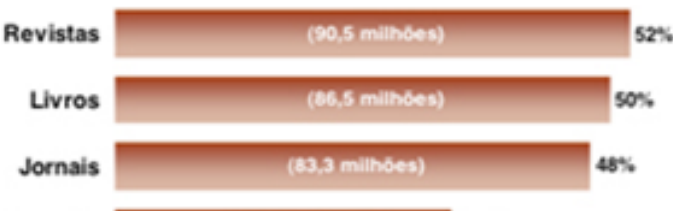
Observando o início do texto, podemos verificar que o aluno coloca título, o que pode ser interpretado como indicativo de que, nas práticas escolares, os textos escritos devem ser encabeçados por um título; ou pode demonstrar que conhece a função semântica desse componente, que indica a temática a ser abordada. Através de uma nova opção na estrutura sintática, ele realiza a estratégia de reconstrução em função da escrita. Na retextualização, a expressão “Leitores no Brasil” surge com uma força mais expressiva do que no texto-base. Essa operação apresenta certa neutralização na transformação dos enunciados. Há uma reordenação de elementos de um enunciado que passam para o próximo; também houve a operação de *eliminação* (de conteúdo e de forma).

Quadro 2 – Operações de *eliminação* e de *oposição*

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica																																				
 <p>O que os brasileiros estão lendo</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Tipologia</th> <th>Porcentagem</th> <th>Quantidade (milhões)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Revistas</td> <td>52%</td> <td>90,5</td> </tr> <tr> <td>Livros</td> <td>50%</td> <td>86,5</td> </tr> <tr> <td>Jornais</td> <td>48%</td> <td>83,3</td> </tr> <tr> <td>Livros indicados pela escola</td> <td>34%</td> <td>58,7</td> </tr> <tr> <td>Textos escolares</td> <td>30%</td> <td>51,3</td> </tr> <tr> <td>Histórias em quadrinhos</td> <td>22%</td> <td>38,4</td> </tr> <tr> <td>Textos na internet</td> <td>20%</td> <td>34,3</td> </tr> <tr> <td>Textos de trabalho</td> <td>15%</td> <td>25,4</td> </tr> <tr> <td>Livros digitais</td> <td>3%</td> <td>4,6</td> </tr> <tr> <td>Áudio-livros</td> <td>2%</td> <td>2,9</td> </tr> <tr> <td>Livros em braille</td> <td>0,2%</td> <td>409 mil</td> </tr> </tbody> </table>	Tipologia	Porcentagem	Quantidade (milhões)	Revistas	52%	90,5	Livros	50%	86,5	Jornais	48%	83,3	Livros indicados pela escola	34%	58,7	Textos escolares	30%	51,3	Histórias em quadrinhos	22%	38,4	Textos na internet	20%	34,3	Textos de trabalho	15%	25,4	Livros digitais	3%	4,6	Áudio-livros	2%	2,9	Livros em braille	0,2%	409 mil	<p>O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas. No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito. Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?</p>
Tipologia	Porcentagem	Quantidade (milhões)																																			
Revistas	52%	90,5																																			
Livros	50%	86,5																																			
Jornais	48%	83,3																																			
Livros indicados pela escola	34%	58,7																																			
Textos escolares	30%	51,3																																			
Histórias em quadrinhos	22%	38,4																																			
Textos na internet	20%	34,3																																			
Textos de trabalho	15%	25,4																																			
Livros digitais	3%	4,6																																			
Áudio-livros	2%	2,9																																			
Livros em braille	0,2%	409 mil																																			

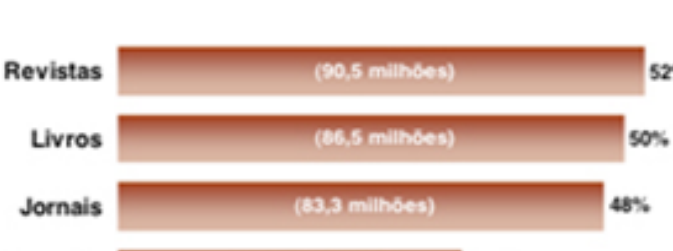
Nesse trecho, o aluno retextualiza o título, emitindo sua opinião ao observar o gráfico em sua totalidade: “O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas”, sugerindo uma operação de *apresentação*. Em seguida, ele realiza uma operação de *oposição* ao que foi falado anteriormente mostrando que muitos brasileiros continuam lendo e apresenta a conclusão de que essa prática não é um hábito. “No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito.” Logo após, ele faz uma pergunta de caráter conclusivo, mas que não está relacionada ao que foi dito anteriormente, ao iniciar com a expressão “Sendo assim ...”. Nesse momento, ele levanta outra questão: “Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?”, pois específica, através de mecanismos de expansão, o que está contido na primeira parte textual.

Quadro 3 – Operação de *conclusão* e relação de *reformulação*

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica												
 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Categoria</th> <th>Leitores (milhões)</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Revistas</td> <td>90,5</td> <td>52%</td> </tr> <tr> <td>Livros</td> <td>86,5</td> <td>50%</td> </tr> <tr> <td>Jornais</td> <td>83,3</td> <td>48%</td> </tr> </tbody> </table>	Categoria	Leitores (milhões)	Porcentagem	Revistas	90,5	52%	Livros	86,5	50%	Jornais	83,3	48%	<p>Isso pode ser respondido através de dados apresentados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual constatou que tipo de leitura tem interessado mais aos brasileiros e um fator relevante de o livro ter sido uma das escolhas preferidas.</p>
Categoria	Leitores (milhões)	Porcentagem											
Revistas	90,5	52%											
Livros	86,5	50%											
Jornais	83,3	48%											

A partir desse questionamento, o aluno mantém a coerência do texto ao observar que essa resposta está nos dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, o que demonstra que o aluno se apoia, quase que exclusivamente, no texto-fonte para explicar os dados que apresenta. Ele cita a fonte e faz a sua constatação (*conclusão*) de que o livro é uma das escolhas que mais têm interessado aos brasileiros. Ao dar continuidade ao texto, o estudante mantém como referência o texto-base no qual ele está buscando os dados e cita o fato de que as revistas são as mais procuradas pelos leitores, apresentando um grau de informatividade ao seu texto, que é um dos fatos mais relevantes do gráfico, além de mostrar os dados estatísticos que provam a relevância da informação dada, emergindo, aqui, a relação de *reformulação*, objetivando explicitude.

Quadro 4 – Relação de *sequência*

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica												
 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Categoria</th> <th>Leitores (milhões)</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Revistas</td> <td>90,5</td> <td>52%</td> </tr> <tr> <td>Livros</td> <td>86,5</td> <td>50%</td> </tr> <tr> <td>Jornais</td> <td>83,3</td> <td>48%</td> </tr> </tbody> </table>	Categoria	Leitores (milhões)	Porcentagem	Revistas	90,5	52%	Livros	86,5	50%	Jornais	83,3	48%	<p>Segundo esse instituto, as revistas de modo geral, são as principais buscas para leitura, sendo lidas por 52% da população entrevistada. Os livros vêm logo em seguida, totalizando 50% dos leitores pesquisados. Os jornais aparecem em terceiro lugar, perfazendo os 48%.</p>
Categoria	Leitores (milhões)	Porcentagem											
Revistas	90,5	52%											
Livros	86,5	50%											
Jornais	83,3	48%											

Em seguida, sem perder o eixo temático do texto, o aluno cita os livros que aparecem em segundo lugar na pesquisa e os jornais que estão em terceiro, emergindo, assim, uma relação de *sequência*, linear aos fatos. Ao apresentar essas informações, ele dá prosseguimento ao texto.

Quadro 5 – Relação de *elaboração*

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica
	<p>Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros. Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado.</p>

Na sequência, o aluno, de maneira coerente, realiza outra conclusão, ao dizer “Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros”. Em seguida, adiciona mais um dado conclusivo ao seu texto, ao iniciar a frase com uma expressão que dá a ideia de adição: “Além disso”, surgindo a relação de *elaboração*. Nessa frase, a fim de finalizar o seu texto, o estudante retoma o dado de que as revistas são as mais lidas, concluindo que essa escolha é devido ao fato de nas revistas constarem assuntos do cotidiano e de haver nelas imagens: “Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado”. Logo após, o aluno complementa a ideia com uma opinião pessoal ao fazer uso dos adjetivos “atraente e prazerosa” como uma justificativa para as revistas serem as mais lidas entre os brasileiros; mais uma vez a relação de *elaboração* aparece como uma estratégia de explicitude.

Considerações finais

A análise dos dois gêneros – *gráfico* e texto de divulgação científica (GTDC) – mediante a RST apresentou, no gráfico, a reincidência de relações retóricas, sendo uma ocorrência de *apresentação*, uma de *capacitação*, duas de *elaboração* e duas de *lista*. Já na retextualização, foram registradas uma ocorrência da relação retórica de *apresentação* e de *antítese*, duas ocorrências de *elaboração* e duas de *lista*.

Quanto às operações de retextualização, foram identificadas a operação de *eliminação* (de conteúdo e forma), operação de *apresentação*, operação de *oposição*, operação de *conclusão* e relação de *elaboração*. Essas operações indicam a construção da coerência entre as partes dos gêneros analisados.

Em consonância com os pressupostos teóricos da Teoria da Estrutura Retórica, conforme postulam Mann e Thompson (1983), Mann e Thompson (1988), e das Operações de Retextualização, propostas por Marcuschi (2008) e Dell'Isola (2007), entendemos que há uma certa harmonia entre elas. Assim, no que se refere à RST, verificamos que as unidades de informação identificadas, tanto nos gráficos quanto nas retextualizações, nos conduziram à identificação da organização textual dos gêneros analisados, com foco na intenção comunicativa do produtor do texto. Na mesma direção, por meio da segmentação do gráfico e da retextualização, foi possível verificar as operações textuais-discursivas utilizadas pelo produtor, também com finalidade de produzir um texto que manifestasse seu propósito comunicativo.

Como já mencionado neste trabalho, a prática da leitura e da produção de gráficos ainda não adquiriu valor representativo como o atribuído ao texto verbal. De acordo com a Gramática do Design Visual, os elementos visuais ou signos são organizados pelo autor da mesma forma como se organizam as frases e os parágrafos (no modo verbal). Dessa maneira, um fato nos leva a questionar a orientação da BNCC (2017, p. 149-150), nas Práticas de linguagem, quanto à leitura, à “relação do verbal com outras semioses” e quanto à escrita, às “estratégias de escrita”, direcionadas à multimodalidade, uma vez que sinaliza ser um recurso importante para a interpretação e até mesmo produção de textos. Todavia, ao observar as avaliações e concursos realizados como, por exemplo, o ENEM, identificamos a ocorrência de gráficos sem os devidos recursos semióticos, como as cores tão necessárias para estabelecer sentido às informações.

Constatamos que a multimodalidade é um recurso eficiente para facilitar o entendimento das relações de sentido apresentadas no gênero *gráfico* e que a noção de DADO/NOVO constitui um excelente recurso para ajudar nas práticas de produção e leitura de textos. Essas constatações não foram feitas baseadas apenas em informações; elas foram delineadas por reflexões que se fundamentam teoricamente.

Ainda no que concerne à multimodalidade, verificamos, ao concluir as análises, que as cores assumem um papel importante para a compreensão do conteúdo do gráfico e que elas poderiam ser consideradas como unidades de informação. Dessa forma, sinalizamos a possibilidade e, sobretudo, a relevância de ser investigada a emergência de relações retóricas entre porções textuais materializadas pelas cores e outras constituídas de textos ou de números.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKTHIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277 - 287.

BEAUGRANDE, Robert-Alain. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BEZERRA, Lucicleide.; GUIMARÃES, Gilda. *Compreensão de escalas representadas em gráficos por alunos adultos pouco escolarizados*. En J. M. Contreras, G. R. Cañadas, M. M. Gea y P. Arteaga (Eds.), *Actas de las Jornadas Virtuales en Didáctica de la Estadística, Probabilidad y Combinatoria* (p 143-148). Granada, Departamento de Didáctica de la Matemática de la Universidad de Granada, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa, 3º e 4º ciclos*. Brasília/DF: Ministério de Educação e Cultura/SEB, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular – Educação é a base (BNCC)*, 2017.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sócio-Discursivo*. São Paulo: EDUC, 1994.

CORREIA, Maria Risolina de Fátima Ribeiro; JAMAL, Angela Maria Alves Lemos. O critério da plausibilidade na identificação de relações retóricas na macroestrutura textual, a partir da RST: diferentes possibilidades de análise. In: *Anais Eletrônicos do III CIELLI – Universidade Federal de Maringá* (2014), ISSN 21776350.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: MARINHO, Janice Helena Chaves; SARAIVA, Maria Elizabete Fonseca. (orgs.) *Estudos da Língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 231-262.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007.

GRIJÓ, Carmen Starling Bergamini. *Retextualização do gênero gráfico: uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN), UFMG, Belo Horizonte, 2018.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers Ltda. 1985.

MANN, Willian; THOMPSON, Sandra. A. *Relational propositions in discourse*. California: University of Southern California: 1983, p. 3-9.

MANN, Willian; THOMPSON, Sandra.. *Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization*. 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. – São Paulo : Cortez ([1998] - 2008).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NATIVIDADE, Cláudia; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira. A semiótica social e a multimodalidade. In: PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta; LIMA, Cássia Helena Pereira. *Incursões semióticas: teoria e prática de Gramática Sistêmico Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2001.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2.ed. London: Routledge, 2002.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. 'Front Pages: (The Critical) Analysis of Newspaper Layout' – In: BELL, Allan, GARRETT, Peter. *Approaches to media discourse*. Blackwell; Pub place: Malden, Mass, Oxford. 1998.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meireles. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. *Scripta* (PUC – MINAS), Belo Horizonte, v. 6, nº 11, p. 25-32, 2003.

PAIVA, Francis Arthuso. GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL: aplicação nas atividades de leitura de imagens em livro didático de Português. PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta; LIMA, Cássia Helena Pereira. (Org.). *Incursões semióticas: teoria e prática de Gramática Sistêmico Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso*. Livre Expressão Editora, RJ. 1 ed. (2009).

PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira. A semiótica social e a semiótica do discurso de Kress. In: MAGALHÃES, Célia M. (Org.) *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Série Estudos Linguísticos, v. 2, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 185-206.

VAN DIJK. Teun Adrianus. *Principles of critical discourse analyses*. Discourse & Society, 1992.